

MAX EINSTEIN

UMA EXPERIÊNCIA DE GÊNIO

Inclui
experiências
de **gênio**,
charadas e
enigmas.



N.º 1 em todo o mundo

James Patterson E CHRIS
GRABENSTEIN

Mais de 380 milhões de livros vendidos



1

NOVA JORQUE



O fedor a estrume de cavalo despertou subitamente a Max Einstein.

— É claro!

Apesar de estar a tremer, afastou o cobertor para trás e saltou da cama. Na verdade, não era bem uma cama. Era mais um colchão com altos e manchas de água, com as costuras gastas. Mas não interessava. As ideias podiam surgir em qualquer lugar.

Correu pelo átrio às escuras. As tábuas do soalho — tábuas lisas assentes sobre vigas toscas — rangeram e baloiçaram a cada passo. O seu cabelo ruivo era um emaranhado natural e saltitante de caracóis revoltos. Era sempre um emaranhado saltitante de caracóis revoltos.



VIAJAR

A Max bateu com os nós dos dedos numa porta torta, suspensa em dobradiças enferrujadas.

— Sr. Kennedy? — Voltou a bater. — Sr. Kennedy?

— O que... — Ouviu-se um murmúrio sonolento. — Max? Está tudo bem?

A Max interpretou aquela pergunta como uma autorização para entrar no apartamento do Sr. Kennedy. Ela praticamente irrompeu pela sua porta instável.

— Sim, está tudo bem, Sr. Kennedy. Na verdade, estou melhor do que bem! Tenho aqui algo incrível! Pelo menos, acho que é algo incrível. Seja como for, é muito, muito fixe. Esta ideia pode mudar tudo. Pode salvar o nosso mundo. É aquilo a que o Sr. Albert Einstein teria chamado de momento *aha*.

— Maxine?

— Sim, Sr. Kennedy?

— São 6 da manhã, rapariga.

— Ai são? Desculpe a hora inconveniente. Mas nunca se sabe quando é que surge uma ideia brilhante, pois não?

— Não. Contigo, *não*, pelo menos...

A Max usava uma gabardina larga por cima da sua camisola coçada. Ultimamente, andava a dormir com a camisola, debaixo de uma manta de cavalo áspera, por o seu dito quarto estar, tal como o do Sr. Kennedy, extremamente frio.

O homem negro, alto e robusto, de cabelo já grisalho, saiu da cama rangente e esfregou os olhos para tentar despertar.

Enfiou os pés descalços em sapatos que improvisara com cartão e jornais velhos.

— Espera um pouco — disse ele. — Tenho de calçar os meus chinelos de quarto...

— Por o chão estar tão frio — comentou a Max.

— Há?

— Teve de improvisar esses chinelos de quarto por o chão estar tão frio todas as manhãs. Correto?

— Maxine, estamos a dormir, sem termos sido convidados, por cima de uma cavaliariça. É claro que o chão está frio. E, caso não tenhas reparado, também não cheira muito bem.

A Max, o Sr. Kennedy e cerca de mais meia dúzia de sem-abrigo eram o que a cidade de Nova Iorque chamava de «ocupas». Isso significava que estavam a viver, sem pagar renda, nos pisos vazios por cima de uma cavaliariça. Os primeiros dois pisos do edifício albergavam uma garagem para as carruagens do Central Park e as baias para os cavalos que as puxavam. Os três pisos superiores? Tanto quanto o dono do edifício sabia, estavam vazios.

— O inverno está a chegar, Sr. Kennedy. Não temos sistema de aquecimento central.

— Pois não. Sabes porquê? Porque não pagamos renda, Max!

— Seja como for, nas próximas semanas, estes andares vão ficar ainda mais frios. Em breve, podemos morrer congelados. Mesmo que tapássemos as janelas com tábuas...

— Isso não vai acontecer — disse o Sr. Kennedy. — Precisamos da ventilação. Com todo aquele estrume de cavalo no andar de baixo, a empestar o edifício...

— Exatamente! Era precisamente sobre isso que queria falar consigo. É essa a minha ideia incrível. *Estrume de cavalo!*



2

— Na verdade, é muito simples, Sr. Kennedy — disse a Max, dirigindo-se até à parede de gesso rachada e encontrando um pedaço que não estava coberto de *graffiti*.

Tirou um pedaço grosso de giz do bolso da sua camisola larga e começou a desenhar na parede, transformando-a numa ardósia.

— Ouça-me, por favor. Tente ver o que vejo.

A Max, que preferia o estilo de desenho que descobrira nos cadernos de esboços do grande Leonardo da Vinci, delimitou com o giz um monte de círculos de onde radiavam marcas de cheiro. Legendou-o como «estrume/biocombustível».

— Tudo o que temos de fazer para nos mantermos quentes neste inverno é marcar uma reunião com o Sr. Sammy Monk.

— O dono deste edifício? — perguntou o Sr. Kennedy, cético. — O senhorio que nem sequer sabe que estamos aqui? *Esse* Sr. Monk?

— Sim, senhor — respondeu a Max, totalmente absorta no diagrama que desenhava na parede. — Temos de convencê-lo a deixar-nos ficar com todo o estrume de cavalo dele.

O Sr. Kennedy levantou-se.

— Todo o estrume dele? Mas por que raio iríamos querer isso, Max? É estrume!

— Bem, assim que tenhamos acesso ao estrume, vou desenhar e desenvolver um gerador de biogás para os apartamentos dos andares de cima.

— Um gerador de bio quê?

— Gás, senhor. Podemos montar um digestor anaeróbico que transforme o estrume em biogás, que podemos então combustar para gerar eletricidade e calor.

— Queres queimar gás de estrume de cavalo?

— Exatamente! A digestão anaeróbica é uma série de processos biológicos nos quais os micro-organismos quebram material biodegradável, tal como o estrume de cavalo, na ausência de oxigénio, que é o que «anaeróbico» significa. É essa a solução para os nossos problemas de aquecimento e energia.

— Tens a certeza de que só tens 12 anos?

— Sim. Tanto quanto sei.

O Sr. Kennedy lançou um olhar à Max que, infelizmente, ela já estava habituada a ver. O olhar dizia que ela estava doida. Maluquinha. Passada dos carretos. Mas a Max nunca deixava que «o olhar» a perturbasse. Era como Albert Einstein dizia: «Os grandes espíritos encontrarão sempre a oposição violenta de mentes medíocres.»

Não que o Sr. Kennedy tivesse uma mente medíocre. A Max só não estava a conseguir explicar muito bem a sua nova e audaciosa ideia revolucionária. Às vezes, as ideias vinham-lhe à cabeça tão depressa que lhe saíam da boca num emaranhado confuso.

— Sr. Kennedy, tudo o que precisamos é de um recipiente hermético — algo entre um bidão de petróleo e um camião-cisterna. — Fez um esboço de uma caixa em forma de cubo cercada por postes de aço. — O melhor seria plástico pesado, claro. E seria uma boa ideia se tivesse uma jaula de barras de ferro galvanizado em volta dela. Depois, só temos de medir e cortar três tubos diferentes: um para introduzir o estrume, outro para a saída do gás e um para a saída do fertilizante líquido. Inserimos estas condutas no tanque através de uma junta universal, ligamos a canalização adequada, e estamos prontos.

O Sr. Kennedy coçou a barba por fazer e admirou o esquema detalhado da Max do aparelho desenhado na parede a descascar.

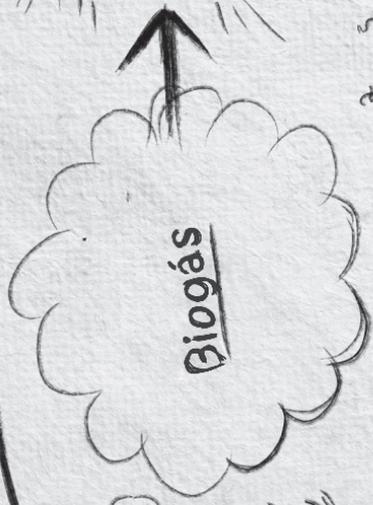
GERADOR DE BIOGÁS



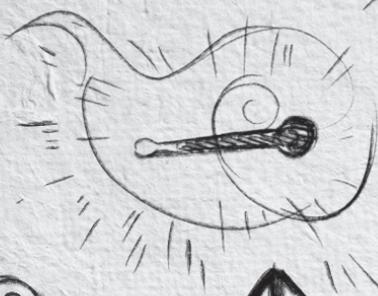
2 Tanque de digestão



1 Estrume / Biocombustível



3



4 Calor

$$\frac{P_1}{T_1} = \frac{P_2}{T_2}$$

$$PV = nRT \Rightarrow \frac{T}{PV} = nR$$

$$\frac{P_1}{T_1} = \frac{P_2}{T_2}$$

$$\frac{1 \text{ atm} \cdot \text{cm}^3}{273 \text{ K}} = \frac{5 \text{ atm} \cdot \text{cm}^3}{T_2}$$

— Uma ideia brilhante, Max — disse ele. — Como sempre.

A Max permitiu-se um pequeno sorriso de orgulho.

— Obrigada, Sr. Kennedy.

— Só há um ligeiro problema.

— Qual, senhor?

— Bem, aquele recipiente ali. O cubo. Quanto mede? Três metros por três por três?

— Mais ou menos.

— E dizes que precisas de uma jaula de barras em volta dele. Também falaste em três tubos. E canalização. Depois, calculo que vás precisar de uma fornalha para queimar o gás de estrume de cavalo, para transformá-lo em calor.

A Max assentiu com a cabeça.

— E um gerador. Para termos a nossa própria eletricidade.

— Certo. Mas isso não vai custar uma pipa de massa?

A Max baixou o pedaço de giz.

— Acredito que sim.

— E já reparaste naquilo que a maioria das pessoas que ocupa este edifício não tem?

A Max franziu os lábios.

— Dinheiro?

— Há-há. Exatamente.

A Max voltou a enfiar o pedaço de giz no bolso da camisa e sacudiu o pó das suas mãos pálidas e frias.

— Percebido, Sr. Kennedy. Como sempre, tenho de ser mais prática. Depois volto com um plano melhor. Antes de o inverno chegar.

— Fantástico. Mas, Max?

— Sim, senhor?

O Sr. Kennedy voltou para a sua cama cheia de altos e puxou o cobertor para cima dele.

— Não voltes a vir ter comigo antes das 7 horas da manhã, está bem?



3

A Max olhou para o relógio.

Eram apenas 6h17. Ao contrário do Sr. Kennedy, ela era madrugadora. Sempre o fora e provavelmente sempre o seria. As manhãs, em especial aquele período sossegado entre o sonho e o despertar total, era a altura em que a maioria das suas grandes ideias flutuavam pelo seu cérebro meio ensonado. As ideias ajudavam a abafar a tristeza que também poderia surgir naquelas mesmas alturas sossegadas. Uma tristeza que todos os órfãos, provavelmente, partilhavam. Ainda mais intensa por a Max não fazer ideia de quem seriam os pais dela.

Voltou a percorrer o corredor até ao quarto dela, o mais silenciosamente possível, no soalho rangente. Conseguia ouvir o Sr. Kennedy já a ressonar atrás dela.

NOVA YORK



VIAJAR

A Max decorara o espaço onde dormia, no edifício das cavalariças, da mesma forma que decorara todos os quartos onde já tinha vivido temporariamente: abrindo a sua velha mala gasta virada de lado, para a transformar num expositor de tudo relacionado com Albert Einstein. Livros do — ou sobre o — próprio cientista famoso forravam o fundo como uma estante. Ambas as tampas estavam preenchidas com a coleção dela de fotografias e citações de Einstein. Até tinha um daqueles bonequinhos cujas cabeças abanam. Usava-o como suporte para livros.

A Max não se lembrava de onde viera a mala. Simplesmente, sempre a tivera. Era mais velha do que a camisola de lã amarrotada e aquilo já era uma antiguidade.

A fotografia mais antiga da coleção — que alguém que não a Max (não sabia quem) colara na parte de dentro da tampa, há tanto tempo que os cantos já se estavam a enrolar — mostrava o grande professor perdido nos seus pensamentos. Tinha um bigode farfalhado e cabelos compridos despenteados. As mãos estavam entrelaçadas, quase como se numa oração. Os olhos fitavam o infinito.

Como nunca conhecera os próprios pais, ela falava com o homem com ar de avô bondoso, antes de ir dormir. Ele era muito bom ouvinte. Ficou curiosa sobre quem ele poderia ser e foi assim que começou a sua paixão por tudo o que fosse relacionado com Einstein.



Precisava de um milhão destas para a minha central de biogás.

A imaginação é mais importante do que o conhecimento.
-Albert Einstein

Que esperteza, ó Albert.



Não fala = muito bom ouvinte

Penteados à Einstein:
Volume > estilo



Mãe



Pai

Como ele ter nascido na Alemanha, mas ter tido de deixar a sua casa durante a Segunda Guerra Mundial. E como estava tão ocupado a pensar em ideias grandiosas e fantásticas que, às vezes, se esquecia de prestar atenção ao trabalho dele no gabinete de patentes. Tinham muito em comum.

Junto à fotografia estava a citação de Einstein preferida da Max: «A imaginação é mais importante do que o conhecimento.»

— A não ser, claro, que não se tenha dinheiro para fazer com que as coisas com que sonhamos se tornem realidade — resmungou a Max.

O Sr. Kennedy tinha razão.

Ela não tinha dinheiro para construir a fábrica de biogás. E não podia pedir ao Sr. Sammy Monk o estrume de cavalo ou o que quer que fosse, porque o Sr. Sammy Monk não podia saber que havia gente a viver nos pisos vazios das cavalariças. Tinha de pensar numa solução diferente para o dilema do aquecimento dos ocupas. Uma que não custasse um centimo e que pudesse ser criada com os restos descartados de outras pessoas.

A Max virou-se para o seu computador, que ela própria construía com partes de computadores que encontrara. Era incrível o que algumas pessoas em Nova Iorque atiravam para os passeios nos dias de recolha de lixo. A Max conseguira soldar (com o ferro de soldar em perfeito bom estado que

alguém deitara fora) uma quantidade suficiente de placas de circuitos, fios rejeitados, processadores abandonados, teclados descartados e um ecrã de retina ligeiramente estragado de um *MacBook Pro* abandonado, para criar uma máquina que funcionava ainda mais depressa do que a mente dela.

Também tinha wi-fi grátis, graças ao sistema público de *hotspot* Link NYC. Podia até recarregar a bateria do seu computador (que descobrira abandonada atrás de uma das lojas elegantes da *Apple* da cidade) no quiosque mesmo ao fundo da rua das cavalariças. (Uma rede sem fios fiável era uma das muitas razões pelas quais a Max selecionara o seu alojamento atual. O acesso fácil a uma boa escola era outra.)

A Max consultou a página de internet que marcara.

Tratava-se de uma notícia terrível sobre crianças desde os 7 anos «a trabalhar em condições perigosas na República Democrática do Congo, na extração do cobalto que acaba nos smartphones, automóveis e computadores vendidos a milhões de pessoas pelo mundo inteiro». As crianças, a rondar as 40 mil, eram pagas a um dólar por dia para fazer trabalho pesado. Também estavam a ajudar um consórcio empresarial internacional sinistro chamado Corp a tornar-se muito, muito, *muito* rico.

A história partiu o coração da Max.

Porque o coração da Max, tal como o do herói dela, Einstein, era enorme.



4

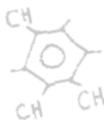


A Max estava a preparar a mochila para a escola quando ouviu um alvoroço lá em baixo, na rua.

Largou a mochila e correu para a janela manchada de sujidade mais próxima, para espreitar por um buraco no vidro.

Viu dois carros da polícia. As luzes do tejadilho giravam. Até do 3.º andar, a Max conseguia ouvir pedaços de ordens por entre estalidos de estática do rádio do carro-patrolha: «Ocupas... Despejo... Prisão... Invasão de propriedade privada...»

Depois, viu dois agentes, um homem e uma mulher, a escutar a Sra. Rabinowitz — uma viúva querida que vivia no 3.º andar — para fora do edifício e em direção ao carro-patrolha. O roupão desalinhado da Sra. Rabinowitz esvoaçava com a brisa, expondo-lhe as meias até ao joelho.



NOVA JORQUE



VIAJAR

— Há mais ocupas lá em cima — disse a mulher-polícia.
— Se calhar, vamos precisar de reforço.

— Eu trato disso — disse um polícia, encostado casualmente a um dos carros-patrolha, com um rádio na mão. Parecia estar no comando. — Sim, daqui Alfa Três Cinco Zero — disse, de modo prático, para o microfone. — Temos uma suspeita sob custódia. Há mais no edifício. Requisitamos reforço.

A Max já tinha ouvido o suficiente.

Correu pelos quatro lanços de escada íngremes e estreitos até à luz forte da manhã.

— Perdão, senhores agentes — disse ela, levantando a mão para escudar os olhos do sol. — Posso dar-lhes uma palavrinha?

— O quê? Quem és tu, miúda? — perguntou o polícia que parecia estar no comando.

— Maxine Einstein, senhor.

— Como o génio Einstein? O tipo do E é igual a MC ao quadrado?

A Max não respondeu. Em vez disso, tentou manter a conversa focada e foi direta ao assunto. Aprendera há muito que era difícil atingir o resultado científico desejado, se deixasse a mente vaguear por trivialidades.

— Porque estão a prender a Sra. Rabinowitz? — perguntou, com um tom de voz forte e firme.

— Porque, Menina Einstein, aqui a sua amiga é uma ocupa. Não pode viver neste edifício sem pagar renda. Nem nenhuma das pessoas que estão lá em cima. — O agente da polícia lançou um olhar ameaçador à Max. — Nem tu, miúda.

— Senhor agente, peço desculpa, está familiarizado com o termo legal «usucapião»?

— Oh, com que então agora és uma advogadazinha?

— Não, senhor agente. Não completei o curso de estudo necessário, nem passei o exame da Ordem dos Advogados do Estado de Nova Iorque. No entanto, sei que «usucapião» é o termo legal para ocupar a propriedade de outrem. Quando isso é feito, obtém-se o que é conhecido por «direitos de ocupa». No Estado de Nova Iorque, uma pessoa tem de viver na propriedade, abertamente e sem permissão do proprietário, durante um período de pelo menos 10 anos ininterruptos para ser capaz de alegar usucapião.

— Estás a dizer-me que estas pessoas têm estado a ocupar os andares por cima das cavalariças do Sr. Monk há mais de 10 anos e que ele só agora nos mandou chamar por causa disso?

— Não. Creio que os ocupas só têm estado na posse destas instalações em particular há uns seis ou sete meses. Vou ter de verificar os pormenores com o Sr. Kennedy.

— Então, Menina Einstein, seis ou sete meses não são dez anos.

— É verdade. No entanto, na *Cidade* de Nova Iorque, as leis são diferentes das do *Estado* de Nova Iorque. Temos o nosso próprio conjunto de leis de usucapião, as quais, claro, o senhor jurou defender. Na Cidade de Nova Iorque, senhor, uma pessoa adquire direitos de ocupa após apenas 30 dias.

O polícia olhou para a Max com uma expressão neutra no rosto. Ela tinha esse efeito sobre as pessoas, bastantes vezes.

— Após 30 dias — continuou ela —, um ocupa na Cidade de Nova Iorque tem o direito de continuar a viver num edifício até o proprietário, neste caso o Sr. Sammy Monk, passar pelo processo longo e, segundo dizem, muito dispendioso, de despejo legal. Segundo o que pude compreender, isso pode levar até a um ano. Às vezes mais.

Os outros polícias olhavam agora fixamente para o que segurava o rádio, perguntando-se o que fazer em seguida. Dois deles ainda seguravam a Sra. Rabinowitz pelos braços, à espera de ordens.

O agente no comando abanou a cabeça.

— Soltem-na.

Os outros agentes soltaram-na.

A Sra. Rabinowitz esfregou os braços onde os polícias a tinham agarrado e correu para a Max para beijá-la.

— Obrigada, querida — sussurrou ela.

— De nada, Sra. Rabinowitz. Ainda bem que pude ajudar.

— Ontem encontrei um *bagel* com queijo creme. Queres?

— Não, obrigada, Sra. Rabinowitz. Acontece que já tomei o pequeno-almoço.

— Ainda bem. É a refeição mais importante do dia...

A frágil viúva apressou-se a correr para os estábulos.

— Ei, Einstein? — chamou o agente principal.

— Sim, senhor?

— Em que escola andas? Quero mandar o meu filho para lá.



5

NOVA JORQUE

A Max correu pelas escadas acima para ir buscar a mochila.

A discussão com o agente da polícia tinha afastado a Max do seu muito rígido horário.

Tinha de se obrigar a manter-se organizada — o que nem sempre se revela fácil, principalmente quando se é distraída e propensa ao que o Sr. Kennedy chamava de «sonhar acordada em demasia». Ele achava que só se devia sonhar quando se dorme.

— Tipo... sonhos noturnos!

Mas a Max não tinha um pai ou uma mãe que lhe dissessem quando era hora de acordar, de ir para a cama, de fazer os trabalhos de casa, de comer legumes, de desligar a televisão, ou de se despachar porque senão perdia o metro. A verdade é que ela estava completamente sozinha.



VIAJAR

Bem, não completamente. Ela tinha o Sr. Kennedy, a Sra. Rabinowitz, e os outros ocupas do prédio. Mas, para dizer a verdade, nenhum deles possuía o que a Max chamaria de «capacidades impecáveis de gestão de tempo».

Mas eles amavam-na e ela amava-os. E isso era suficiente para ela. Os sem-abrigo que acampavam acima das cavalariças eram o mais próximo de uma família que ela tinha em muito tempo. A Max nem sabia se «Einstein» era mesmo o apelido dela. Seria da família do génio famoso?

Não sabia.

A Max Einstein não fazia ideia de quem era, de onde vinha, de como fora parar a Nova Iorque, ou onde arranjar o nome Max Einstein. Gostava de pensar nisso como o único grande mistério da vida que não conseguia começar a resolver, sobretudo hoje. Estava atrasada (até para os padrões dela).

— Tem um bom dia na escola, Max — gritou a Sra. Rabinowitz quando a Max saltitou pelas escadas abaixo até ao 3.º andar.

— Obrigada!

— Tens a certeza de que não queres metade deste *bagel*? Tem queijo-creme de *morango*.

— Não, obrigada. Tenho de ir.

Chegou ao piso das cavalariças.

— Bom dia, *Domino*, *Kit Kat* e *Opie*! — gritou.

Os cavalos relincharam nas suas baias e abanaram as caudas.

— Continuem a produzir estrume, meninos — disse a Max. — Um dia, vamos construir a tal fábrica de biogás!

No dia a seguir a eu ganhar a lotaria, pensou.

As cavaliças ficavam no limite ocidental de Manhattan, perto do Rio Hudson. A Max tinha de correr quatro quarteirões para leste e um par de quarteirões para sul para apanhar o metro para a baixa da cidade, entre a West 50th Street e a Eighth Avenue.

Teve sorte. Uma composição do metro guinchou ao chegar à estação mesmo quando estava a descer as escadas. A Max saltou por entre as portas, que se estavam a fechar como se fossem uma boca de aço esfomeada, e caiu para a carruagem apinhada de gente.

— Desculpe — disse ela, ao ir contra um amontoado de viajantes agarrados a um varão. Encontrou um suporte de mão mesmo antes de o comboio arrancar. Quando o fez, caiu ligeiramente para trás porque... bem, física. Senhor Isaac Newton, o avô da física moderna, desenvolveu as leis do movimento, incluindo a que diz que um corpo em descanso tende a permanecer em descanso — mesmo quando um comboio acelera para a frente.

Foi exatamente o que fez o corpo da Max (e todos os outros corpos amontoados na carruagem em hora de ponta).

Quando o comboio parasse, todos eles cambaleariam para a frente pois, por essa altura, os seus corpos estariam em movimento e tenderiam a permanecer em movimento.

Enquanto a carruagem do metro baloiçava em direção a sul, a 50 quilómetros por hora, a Max observou uma mosca a voar pela carruagem, dirigindo-se para norte.

Então, a que velocidade voava a mosca?, perguntou-se com um sorriso nos lábios. É tudo relativo, claro.

Era uma das ideias mais famosas de Einstein: a teoria da relatividade.

A velocidade a que voava a mosca para *a periferia*, numa carruagem de metro a viajar para *o centro*, dependia de como se mediam as coisas. Era tudo *relativo* à perspetiva da pessoa.

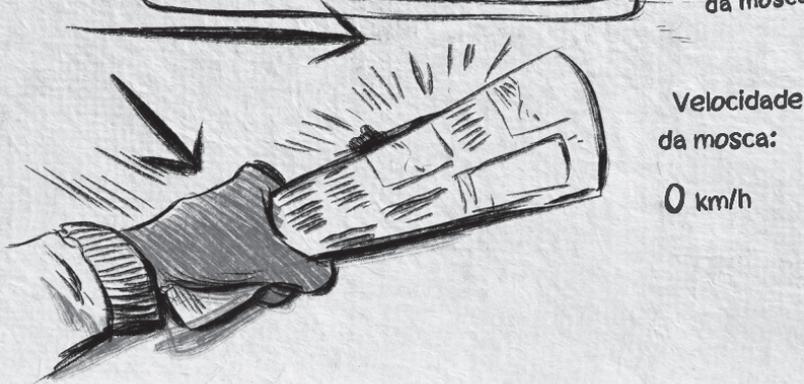
A mosca estava, ao mesmo tempo, a viajar a cerca de 8 quilómetros por hora numa direção, e a cerca de 42 quilómetros por hora na outra.

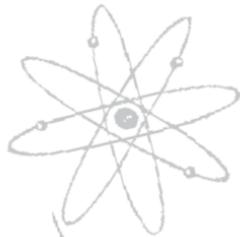
Alguém que estivesse no túnel do metro enquanto o comboio passasse (uma ideia muito estúpida, especialmente para um cientista) mediria a velocidade da mosca como estando a voar para *sul* a 42 quilómetros por hora.

Mas, dentro da carruagem, a perceção da Max era que a mosca voava a oito quilómetros por hora *para norte*.

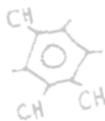
Até que um tipo alto, dois varões à frente, apanhou a pobre mosquinha no ar em pleno voo e esmagou-a.

Depois, já não se mexia de todo.





6



Nove minutos depois, a Max saiu da estação da West 4th Street e olhou para o relógio.

Estava de novo dentro do horário. Viu alguns miúdos a jogar um jogo frenético de basquetebol, e as suas mochilas encostadas contra a grade que rodeava o campo. Perguntou-se como seria brincar a caminho da escola. A Max não passava muito tempo com outras «crianças». Não havia muitas no mundo dela. De uma forma estranha, Albert Einstein era provavelmente o seu melhor amigo.

Enquanto caminhava, reparou em todo o tipo de coisas que lhe lembravam as contribuições incríveis de Einstein para o mundo moderno — se ao menos ele estivesse vivo para as ver!



VIAJAR

Viu um casal de turistas a consultar o mapa numa aplicação do *smartphone*. A aplicação, obviamente, apoiava-se no GPS para apontar a localização precisa deles na ilha de Manhattan. Apanhava um sinal dos satélites na órbita da Terra. A aplicação podia ajudá-los a encontrar o Starbucks mais próximo com o GPS, que funcionava devido à teoria da relatividade de Einstein e a algo chamado de *dilatação temporal*. Os smartphones eram inteligentes, porque Einstein era mais inteligente ainda.

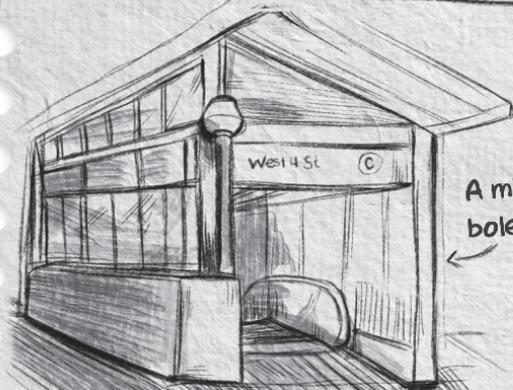
A Max olhou para o relógio. Tinha tempo de parar no Washington Square Park e ver se o Sr. Weinstock estava interessado num breve jogo de xadrez.

O Sr. Leonard «Lenny» Weinstock alegava ser de Londres, em Inglaterra. A Max nunca tivera a certeza se ele dizia a verdade sobre isso. Ou sobre o facto de se ter licenciado em Oxford. Ou de ter conhecido a rainha. «Em várias ocasiões, para que saibas.»

A Max sabia apenas que era um senhor idoso simpático, com um sotaque britânico muito cuidado, que usava sempre camisas de xadrez, um colete safari e uma boina — do tipo que os taxistas costumavam usar. O Sr. Weinstock também gostava de jogar xadrez tanto quanto a Max.

— Ah, bom dia, Maxine — disse ele quando a Max se sentou no banco em frente a ele, numa das muitas mesas de xadrez ao ar livre do parque.

Lugares junto ao campo,
de borla!



A minha
boleia.

De novo dentro
do horário.



Você
está
aqui.

Cachorro
mimado.



— Bom dia, Sr. Weinstock.

— Vai um jogo?

— Sim, senhor. Se estiver disposto a isso.

— Claro, minha querida. Creio que vais à frente na nossa contagem em curso.

— Sim, senhor. Ligeiramente.

Na verdade, a Max ganhara mais jogos do que perdera contra o Sr. Weinstock. E os que perdera, perdera de propósito. Não havia necessidade de destruir o espírito lutador do Sr. Weinstock com uma série incessante de derrotas. Na realidade, ele era o único jogador habitual do Washington Square Park disposto a jogar contra a Max Einstein. A reputação dela precedia-a.

— *Blitz*, bala ou relâmpago? — perguntou o Sr. Weinstock, referindo-se aos vários níveis de xadrez rápido.

— Pode ser relâmpago, hoje? — perguntou a Max. — Não quero chegar atrasada à escola.

— Muito bem. Relâmpago será.

O Sr. Weinstock premiu um botão num cronómetro digital. Cada jogador teria 10 segundos para pensar e fazer a sua jogada.

— Xequemate — disse a Max após cinco jogadas. — Desculpe, Sr. Weinstock. Tenho a certeza de que me ganha da próxima vez, quando ambos tivermos tempo para pensar nas nossas jogadas com mais cuidado.

O Sr. Weinstock soltou uma gargalhada.

— Sim, Max. Tenho a certeza de que *ambos* apreciaremos ter mais tempo para uma contemplação menos apressada. Tem um bom dia na escola, querida.

— Obrigada, senhor.

A Max apressou-se, prometendo a si mesma que, da próxima vez que jogassem, deixaria que o Sr. Weinstock ganhasse, sem dúvida.

Felizmente, a escola dela ficava perto do Washington Square Park.

Pois, embora tivesse apenas 12 anos, a Max Einstein já andava na universidade — na Universidade de Nova Iorque!



7

NOVA JORQUE

O Philip Stark observou a jovem a correr para a escola após o breve jogo de xadrez com o velhote no Washington Square Park.

Era difícil não reparar nela. A cabeleira aos caracóis baloiçava a cada passada. A gabardina esvoaçava para trás com a brisa como as penas sujas da cauda de um pombo.

Tinha de ser ela.

Aquela que iria proporcionar ao Philip Stark uma bela remuneração. Aquela que, por algum motivo, o estimado Dr. Zaccheus Zimm procurava pelo mundo inteiro.

O Dr. Zimm publicara recentemente sobre aquela rapariga em páginas *web* e grupos de *chat* frequentados por aqueles que partilhavam com o Philip Stark a infeliz (embora



VIAJAR

temporária) posição de professores assistentes universitários. Não havia fotografia, apenas uma descrição bastante detalhada da rapariga, incluindo o amor dela pelo xadrez. Mas o Stark sabia mais sobre a «Max Einstein» do que o Dr. Zimm.

Pois ela frequentava a aula dele na Universidade de Nova Iorque.

Ele também sabia que se orquestrasse a entrega desta Einstein ao Dr. Zimm, subiria na carreira. Estaria feito para a vida — a desenvolver o tipo de pesquisa teórica que sempre soubera estar destinado a fazer, em especial devido ao tamanho do seu cérebro gigante.

O Dr. Zimm podia dar ao Stark qualquer coisa que ele quisesse. O famoso professor abdicara da sua cátedra prestigiada numa das melhores universidades americanas para dirigir um grupo de reflexão para a Corp (era o que todos chamavam ao sinistro grupo de empresários e oligarcas de várias nacionalidades que, mais ou menos, governavam o mundo). A Corp era extremamente poderosa e bem relacionada. Eram donos de tudo e de todos. Se os ajudassem, eles ajudavam-nos, definitivamente — provavelmente com um maço de notas bem grosso.

O Stark fez a chamada. A voz feminina calma do outro lado da linha incentivou-o a manter o contacto. Ele prometeu fazê-lo.

— Quando posso esperar um contacto do próprio Dr. Zimm? — perguntou.

— Entraremos em contacto consigo — respondeu a senhora.

— Perfeito. Já agora, Stark escreve-se S-T...

A senhora desligou-lhe o telefone na cara.

Provavelmente por estar muito ocupada. Em breve, o Stark também estaria muito ocupado. A trabalhar para o Dr. Zimm.

Com um sorriso, esperou que a pequena Menina Einstein apreciasse as aulas de hoje.

Seriam as últimas.

A primeira e única série infantojuvenil aprovada oficialmente pelos arquivos Albert Einstein

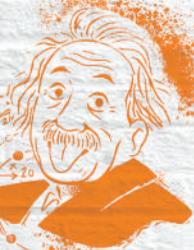
A Max Einstein é uma miúda de 12 anos
completamente normal. Ela...

Vai para a escola faculdade todos os dias.

Joga à apanhada xadrez no parque.

Faz construções de lego invenções que ajudam os sem-abrigo.

E gosta de aprender fala com Albert Einstein.



Até aqui tudo *normal*, certo?

Até ao dia em que a Max é recrutada por uma organização misteriosa e perseguida por outra. A sua missão: decifrar e resolver alguns dos problemas mais difíceis do mundo, usando os seus conhecimentos sobre ciência. Ela conta com a ajuda de um grupo de jovens tão *normais* como ela — ou seja, génios — para levarem energia aos locais mais distantes do Planeta Terra.

Mas isso só será possível se... os sinistros
membros da *Corp* não chegarem lá primeiro!

Uma história poderosa que vem provar o que Albert Einstein defendia:

**«A IMAGINAÇÃO É MAIS
IMPORTANTE DO QUE
O CONHECIMENTO!»**



booksmite
livros que saltam à vista
20|20 editora

ISBN 978-989-707-960-3

TT+



9 789897 079603

Literatura Juvenil